



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS – FCE
CURSO DE BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL – PLAGEDER

JUCIANE TERRA SÁ

**ANÁLISE DO PAPEL DA MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR DO RIO
GRANDE DO SUL**

Mostardas/RS

2022

JUCIANE TERRA SÁ

**ANÁLISE DO PAPEL DA MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR DO RIO
GRANDE DO SUL**

Trabalho de Conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof. Dr. Daniela Dias Kuhn.

Coordenadora: Tutora Andressa Ramos Teixeira.

Mostardas/RS

2022

JUCIANE TERRA SÁ

**ANÁLISE DO PAPEL DA MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR DO RIO
GRANDE DO SUL**

Trabalho de Conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Prof. Dr. Daniela Dias Kuhn.

Coordenadora: Tutora Andressa Ramos Teixeira.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Daniela Dias Kuhn – Orientador

Dr^a. Alessandra Caumo - UFMA

Dr^a. Gabriela Coelho de Souza – UFRGS/PGDR

Dedico este trabalho ao meu irmão Nicolas Terra Silva, que infelizmente nos deixou a dez anos, mas que é o motivo para eu ter forças para ir em busca dos meus sonhos para que ele se orgulhe sempre de mim!

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer primeiramente à Deus e aos meus pais Lucimar Terra e Jucimar Sá, por ter me ensinado que precisamos sonhar e ir atrás dos nossos sonhos com coragem, perseverança e sem passar por cima de ninguém para conquistar o que é nosso! Sou muito grata por todos os ensinamentos na vida e por sempre ficarem felizes com as minhas conquistas. Amo vocês!

Preciso agradecer imensamente as minhas melhores amigas, Kelly Ferreira, Syndell Fernandes, Tielly Costa e Camila Lemos que tiveram toda paciência comigo nos momentos difíceis, pelas palavras de apoio quando estava pirando por todas as dificuldades do mundo novo de universitária, por me aturarem quando eu estava me achando incapaz, burra e sem capacidade de conseguir seguir em frente. Obrigada por vocês terem tido toda paciência do mundo comigo e me ajudarem a seguir em frente e não fraquejar! Vocês estiveram sempre comigo, vocês não me abandonaram do início ao fim e isso sem dúvida fez toda a diferença do mundo, saibam que eu amo vocês e serei sempre grata por tudo que fizeram e fazem por mim!

Preciso fazer um agradecimento especial também ao meu parceiro Paulo Azevedo, que esteve comigo desde o início dessa jornada, desde o vestibular até a tão sonhada graduação. Ele nunca me deixou fraquejar, sempre me lembrava o quanto sou capaz e o quanto eu sou inteligente. Obrigada por diversas vezes me ajudar a fazer trabalhos, treinar para apresentações de seminários, me lembrar aquela palavra certa e me encorajar e me impulsionar a ir em busca de novos desafios, você foi essencial nessa conquista.

Não posso deixar de falar da pessoa mais importante da minha vida, que me fez almejar ser alguém na vida, que foi meu irmão Nicolas que infelizmente nos deixou há 10 anos atrás, e esteve comigo por menos de 2 anos, foi pouco tempo né? Mas foi tempo o suficiente pra me ensinar o verdadeiro significado de amor e o significado de receber um presente de Deus na vida. Sim, ele foi e sempre será o maior presente da minha vida e foi por ele e é por ele que eu nunca desisti e que irei seguir lutando para ser alguém que ele tenha orgulho. É tudo por você irmão e sempre será!

Estes últimos anos foram muito difíceis, não só por vivermos uma pandemia mundial, mas por diversas perdas que tivemos não só pela covid, mas pela vida. Eu perdi meu avô Vadico que era um homem divertido, chorão (como eu) e que me ensinou amar jogo de cartas em família, perdi também minha avó Dinah que sempre me cuidou e sempre nos fez ter as melhores férias de verão com todos primos reunidos na praia, ela tinha um colo quentinho, amava uma brincadeira animada e uma bochecha fofinha que eu adorava encher de beijos. Também perdemos meu sogro José, um homem centrado e de muitas histórias e ensinamentos, que nas

nossas conversas sempre me ensinava muito. Foram anos onde precisei me despedir de alguns amigos também e muitos outros familiares, que nos mostraram ainda mais que a vida é um sopro e que precisamos valorizar realmente o que importa e quem amamos.

A todos vocês e a todos que passaram por essa vida de universitária comigo, muito obrigada! Obrigada a coordenadora do nosso polo Thiele, obrigada ao coordenador do Plageder Jorge, obrigada a todos da equipe Plageder, obrigada a todos os professores e tutores. Eu acho que é isso, acho que finalmente e infelizmente essa etapa está se acabando, e este longo agradecimento também, é difícil dizer adeus, ainda mais de algo que nos ensinou tanto e nos fez tão feliz. Obrigada Universidade Federal do Rio Grande do Sul, saiba que aqui, vocês sempre terão uma aluna muito orgulhosa por ter feito parte dessa faculdade.

Muitos agricultores familiares, em lugares muito diferentes, produzindo coisas diferentes, contribuem para o desenvolvimento rural.

(Ezequiel Redin)

RESUMO

O presente estudo dedica-se à temática de desigualdades de gênero no espaço rural, tendo por objetivo demonstrar melhor a agricultura familiar do RS e demonstrar as desigualdades enfrentadas pelas mulheres deste setor na busca de um espaço onde possam conquistar sua independência financeira e ajudar financeiramente com a renda de suas famílias, buscando que esse espaço se torne cada vez mais igualitário, já que sabemos que muitas mulheres acabam não se posicionando ou tomando iniciativa por medo de seus maridos ou familiares, por ter sido ensinada culturalmente que isto seria errado. A delimitação socioespacial do estudo está no Estado do Rio Grande do Sul e os métodos empregados para a realização do estudo abrangeram aspectos qualitativos e quantitativos, para isso foram utilizados artigos, estudos e livros sobre o assunto, a partir da leitura desta leitura foram selecionados gráficos e imagens que ilustram a realidade analisada. Os resultados alcançados evidenciam que a sociedade ainda é muito desigual e ainda é preciso enfrentar muitas dificuldades e desafios no setor da agricultura familiar, como em muitos outros, mas ao contrário do que muitos pensam, a mulher não é o sexo frágil, e sim o sexo forte. Neste sentido, desistir não é uma opção para elas e com isso estamos a cada dia que passa conquistando mais o nosso lugar e alcançando melhores condições cotidianas para o processo de reprodução social. Todas estas mulheres sabem que a luta pela igualdade não é fácil e ainda precisa muito trabalho para que essa cultura seja mudada pela sociedade e pelos seus companheiros e familiares. Notamos com todas as pesquisas e análises feitas neste trabalho, que as mulheres tem conquistado cada vez mais seu espaço e sua independência financeira, pois o que vimos, é que a desocupação feminina no Estado do Rio Grande do Sul em 2018, é menos que a desocupação feminina no Brasil, o que nos prova que as mulheres gaúchas tem realmente ido em busca de igualdade e de independência.

Palavras-chave: Agricultura; Mulheres; Desigualdades.

ABSTRACT

The present study is dedicated to gender inequality in rural areas, aiming at a better family agriculture, demonstrating how inequalities faced by women in this search for a space where they can gain their financial independence and mentally help their families' income with their financial independence. , seeking to make this space increasingly egalitarian, since many women end up not taking a stand or taking the initiative for fear of their husbands or family members, as they have been culturally taught that this would be wrong. The socio-spatial delimitation of the study in the State of Rio Grande do Sul and the graphic methods for carrying out the study cover qualitative and studied aspects, for this, studies and studies on the selected subject were used, from the reading of this reading were selected and images that illustrate reality. The other results are not very evident that society is still unequal and it is still necessary to face many difficulties and challenges in the family farming sector, as in many, but contrary to what many think, the weaker sex, yes the stronger sex. In this sense, there is no option for them in place and every day we are conquering more of ours and achieving better conditions for the process of social reproduction. These women know that the struggle for equality for all is not easy and they still need to work so that this culture is changed by society and by their partners and families. We noticed with all the researches and financially examined, that women increasingly conquered their space and their independence in the State of Rio Grande do Sul in 20, is less than their female occupation in the State of Rio Grande do Sul in 20, female unemployment in the Brazil, which proves to us that gaucho women have really gone in search of equality and independence.

Keywords: Agriculture; Women; Inequalities.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Objetivo geral.....	3
1.2 Objetivo específico.....	3
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	4
2.1 A agricultura familiar no Estado do Rio Grande do Sul.....	4
2.2 As desigualdades de gênero na agricultura familiar.....	7
3 MÉTODOS DE PESQUISA.....	11
3.1 Abordagem metodológica.....	12
3.2 Levantamento e análise de dados.....	12
4 RESULTADOS: MULHERES RURAIS NO RS.....	14
4.1 Perfil da população rural que integra a agricultura familiar no Rio Grande do Sul.....	14
4.2 Papéis das mulheres na agricultura familiar.....	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERENCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

No presente trabalho de conclusão de curso está sendo abordado o estudo de como a realidade da agricultura familiar repercute nas desigualdades de gênero com as mulheres no Estado no Rio Grande do Sul. Para isso foi realizada uma análise das desigualdades encontradas e as dificuldades enfrentadas por estas mulheres no dia a dia do seu serviço no campo.

De acordo com o apresentado no último Censo Agropecuário, o Estado do Rio Grande do Sul conta com uma área com mais de 21 milhões de hectares e com mais de 365 mil estabelecimentos agropecuários, sendo que em média de 25% desses estabelecimentos são de agricultura familiar, ficando assim atrás apenas de Bahia, Minas Gerais e Ceará no ranking do Brasil (IBGE, 2017) Contudo, frente a pujança que apresenta a agricultura familiar é fundamental considerar que:

sendo a agricultura muitas vezes considerada como um espaço masculino, devido a este ser responsável pelas atividades de produção, é importante refletir acerca da contribuição do trabalho das mulheres no manejo sustentável, na medida em que demonstram manter uma prática sustentável na produção agrícola para a família, e também, para a própria localidade, envolvendo um estudo sobre o empoderamento, as discriminações sofridas e seus reflexos. Contraditoriamente, se a agricultura é um espaço masculino, a família é socialmente vista como o espaço das mulheres. Essa visão faz parte da tradição de nossa sociedade patriarcalista que considera que as atividades do homem devem estar ligadas ao âmbito da produção, enquanto as da mulher estão ligadas a reprodução. (CARVALHO, 2012, p.16).

Neste trabalho quero demonstrar o aumento da participação das mulheres na agricultura familiar, conhecer as atividades que elas exercem no seu dia a dia, seja no âmbito familiar ou no serviço de campo, entender como estas mulheres conseguem superar as diversas dificuldades que acabam encontrando. Vou analisar as desigualdades encontradas por estas mulheres e identificar como elas lidam ao trabalhar em um setor tão masculino como a agricultura e como agem para mudar o olhar da sociedade e mostrar a força delas no serviço de campo.

Podemos notar que na sociedade ainda existe muito preconceito com mulheres à frente de seu negócio em diversas áreas, e uma delas é na agricultura familiar que é um setor muito masculino. Pois é comum ouvir dizer que as mulheres não são capazes de fazer o mesmo trabalho de um homem, seja na parte administrativa de um negócio, ou principalmente no trabalho “braçal”, pois definem a mulher como sexo “frágil”, o que com o passar dos anos, está sempre provado ao contrário.

As denominações de trabalho “pesado” e “leve”, de Paulilo (1987) acordadas por Herrera (2015), reforça a imprecisão destes termos, demonstrando que a diferença que existe entre elas é algo indefinido e mais baseado em elementos culturais do que em alguma definição

conceitual, já que para muitas mulheres o serviço “pesado” não é tão pesado assim, pois já estão acostumadas com este tipo de trabalho e o serviço “leve” é algo realmente comum do dia a dia, que é feito de forma mais rápida e simples. Dentro das atividades habituais da área rural, está cortar lenha, trabalhar na roça, cuidar dos filhos, alimentar os animais, cuidar da casa, entre diversos outros.

Segundo dados da Comissão Nacional de Mulheres Trabalhadoras Rurais da CONTAG¹, as mulheres respondem por 40% da mão de obra rural. Tedesco (1999) expõe que o trabalho feminino é visto além de sua contribuição para o bem-estar da família, pois é expressivo o esforço que fazem para encontrar formas de gerar rendas adicionais para o núcleo familiar, aumentando, assim, sua carga de trabalho.

Estudos falam sobre as atividades das mulheres na área rural, que não são apenas os serviços domésticos e de *care*², pois como já dito anteriormente, elas também exercem diversas outras funções na agricultura, inclusive gerando renda para sua família e produzindo alimento para consumo próprio.

Conseguimos notar que as desigualdades de gênero nas atividades exercidas de forma desejada pelas mulheres são diferentes das delegadas pela sociedade, o é realmente uma cultura entre as pessoas. Por exemplo, ainda é uma “surpresa” quando se vê mulheres no trabalho de campo, fazendo o serviço que seria teoricamente de um homem do campo, que trabalha na roça, lida com os animais, trabalha com a parte financeira e administradora de todo estabelecimento agropecuário. Infelizmente, a sociedade ainda costuma julgar diversas atitudes quando falamos de gêneros, e as desigualdades com o sexo feminino tem sido debatida e analisada com uma maior frequência e um maior cuidado atualmente. Isso ocorre porque as mulheres tem criado uma maior coragem e se unido para enfrentar estas diferenças impostas e buscando não mais aceitá-las como acontecia antigamente, não só pela imposição da sociedade, mas também dentro das suas próprias famílias, que criavam as mulheres somente para cuidar da casa, dos seus maridos e de seus filhos quando saíssem da casa dos pais.

¹ Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura.

² Segundo Hirata (2010, p.43), “o termo *care* é dificilmente traduzível, porque polissêmico. Cuidado, solicitude, preocupação com o outro, estar atento a suas necessidades, todos esses diferentes significados estão presentes na definição do *care*”. Segundo Boris (2014), “o trabalho de *care* envolve serviços pessoais para outrem: são atividades que se voltam para as necessidades físicas, intelectuais e afetivas e para outras demandas emocionais de cônjuges, filhos e pessoas idosas, doentes ou com deficiências”.

1.1 Objetivo geral

Analisar as desigualdades de gênero na agricultura familiar do Rio Grande do Sul.

1.2 Objetivos específicos

- Identificar o perfil da população rural que integra a agricultura familiar no Rio Grande do Sul; e
- Identificar as atividades que as mulheres exercem na agricultura familiar;

A estrutura deste trabalho está organizada em quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo demonstra elementos importantes para a análise da agricultura familiar no Estado do Rio Grande do Sul. No segundo capítulo é identificado o perfil destas mulheres na agricultura familiar gaúcha. O terceiro capítulo apresenta a metodologia utilizada para a realização desta monografia.

No quarto tópico foi realizada a análise das diferenças de gênero refletidas nos dados sobre a agricultura familiar gaúcha, e por fim, serão apresentadas as considerações finais e as conclusões tiradas pela autora deste trabalho.

2 REVISÃO BIBLIOGRAFICA

Essa seção apresenta os principais conceitos e suprimir o debate teórico que discute as questões de gênero, e da sua desigualdade, na agricultura familiar no estado gaúcho. A primeira seção contextualiza a situação das mulheres na agricultura familiar.

2.1 Agricultura familiar no Estado do Rio Grande Do Sul

A agricultura familiar é de grande importância social e econômica, responsável pelo abastecimento de alimentos no Brasil e no mundo. Esta importante parcela de trabalhadores rurais foi excluída das políticas de desenvolvimento elaboradas para a produção das grandes propriedades, e sofrem com a demanda da competitividade e desafios da globalização (DOS SANTOS; MITJA, 2016).

Para Silva (2019) “[...] Nas Organizações das Nações Unidas - ONU, lançou de 2019 a 2028 um programa intitulado como a Década das Nações Unidas para a Agricultura Familiar, com o objetivo de impulsionar a elaboração de políticas públicas que promovam o desenvolvimento permitindo a sustentabilidade e a preservação do meio ambiente.”

O Brasil tem se destacado com as políticas de incentivo ao pequeno produtor com a criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura familiar – PRONAF, e o Governo Federal criou a Lei nº11.947/2009, a qual obriga a aquisição de produtos através do Programa Nacional de Alimentação Escolar -PNAE, e o Programa de Aquisição de Alimentos – PAA. Estes contribuem para a segurança alimentar saudável e sustentável, atendendo às necessidades nutricionais desse público (BRASIL,2016; BEVILAQUA,2016).

A agricultura familiar tem crescido cada vez mais no Rio Grande do Sul e se tornou uma das principais fontes de economia do país. Segundo o IBGE (2017), para ser caracterizada como agricultura familiar precisa seguir algumas especificações que estão definidas no Decreto nº 9.064, de 31 de maio de 2017, que são elas:

- I - Possuir, a qualquer título, área de até quatro módulos fiscais;
- II - Utilizar, no mínimo, metade da força de trabalho familiar no processo produtivo e de geração de renda;
- III - Auferir, no mínimo, metade da renda familiar de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; e
- IV - Ser a gestão do estabelecimento ou do empreendimento estritamente familiar.

Conforme os critérios do IBGE, no RS, 294 mil estabelecimentos (80,5%) foram classificados como de agricultura familiar, detendo 25,3% das áreas. Esse recorte é baseado em quatro critérios da Lei 11.326/2006: o estabelecimento deve ter área de até quatro módulos fiscais; utilizar, no mínimo, metade de trabalho familiar no processo produtivo e de geração de renda; auferir, também no mínimo, metade da renda familiar de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento e ter a gestão do estabelecimento ou empreendimento estritamente familiar.

A agricultura familiar pode ser definida também, como sendo a que a família é, ao mesmo tempo, proprietária dos meios de produção e assume o trabalho na propriedade, associando família, produção e trabalho, onde todos os recursos empregados em um momento sejam transmitidos futuramente para os membros da família, ou seja, que não garanta apenas a sobrevivência atual, mas também a das futuras gerações (WANDERLEY, 2001).

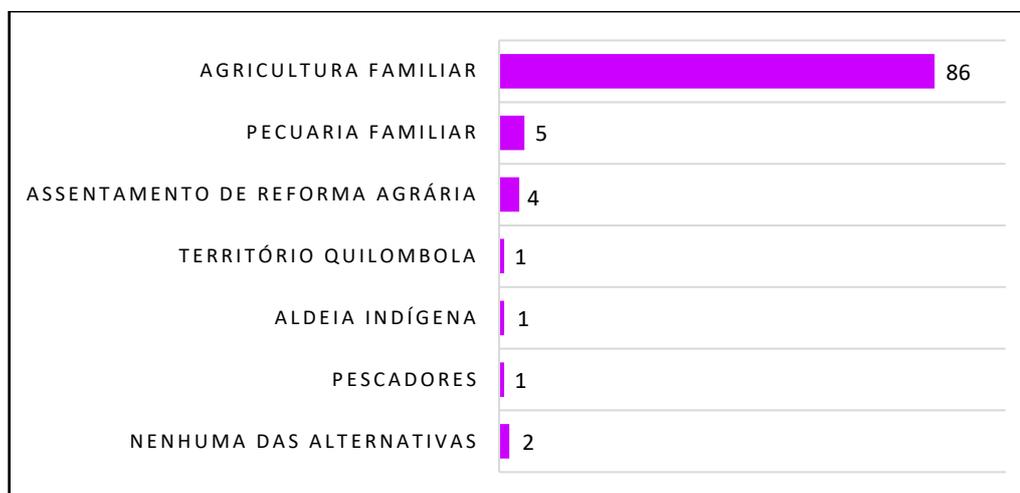
Para a FAO/INCRA (1996), a agricultura familiar deve atender a duas condições:

a) a direção dos trabalhos do estabelecimento é exercida pelo produtor, e b) o trabalho familiar é superior ao trabalho contratado. Ou seja, a agricultura familiar é uma forma de produção através da interação entre gestão e trabalho; são os próprios agricultores que dirigem o processo produtivo, trabalhando com a diversificação e utilizando o trabalho familiar, eventualmente complementado pelo trabalho assalariado.

“Segundo o Censo Agropecuário de 2017, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de mulheres na condução de propriedades rurais aumentou 38% em todo o País entre 2006 e 2017.” Por mais que tenha crescido este número, podemos notar que as mulheres ainda são minorias como proprietárias dos estabelecimentos agropecuários, acredito que isso com o passar do tempo, irá ainda aumentar, mas não será algo tão fácil e rápido de se igualar ao masculino.

Segunda entrevistas feitas pela Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência e Extensão Rural - Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural (Emater/RS-ASCAR) com as mulheres da área rural do Rio Grande do Sul, “[...] A grande maioria das entrevistas classificou a propriedade de sua residência como típica da agricultura familiar (86%). As demais marcaram pecuarista familiar (5%), assentamento de Reforma Agrária (4%), território quilombola, aldeia indígena e pescadores (todos com 1%).”

Gráfico 1: Tipos de propriedade das mulheres rurais entrevistadas no Rio Grande do Sul – 2021-2022
Termos percentuais do total de propriedades (%)



Fonte: Elaborado pela autora com base em ATERS - Emater/RS-ASCAR

Também podemos encontrar momentos difíceis em questões de resgatar a viabilidade da agricultura familiar, melhorar a produção, e ainda contar com a ajuda das tecnologias e ter um maior cuidado com os recursos naturais.

Neste sentido, é necessário se evitar o empobrecimento do solo, cuidar da biodiversidade, conservar a qualidade da água, do ar e garantindo a viabilidade da propriedade, com qualidade de vida dos trabalhadores, tornando-a atrativa às novas gerações, principalmente fixando os jovens no campo, preservando a cultura local que resguarda a natureza e o desenvolvimento da comunidade, evitando o temível êxodo rural (BEVILAQUA,2016).

Com todas estas questões que precisa ser analisada e resolvida para auxiliar as famílias da agricultura familiar em geral a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou um programa:

A Organização das Nações Unidas- ONU, lançou de 2019 a 2028 um programa intitulado como “Década das Nações Unidas para a Agricultura Familiar”, com o objetivo de impulsionar a elaboração de políticas públicas, que promovam o desenvolvimento permitindo a sustentabilidade e a preservação do meio ambiente (DA SILVA, 2019).

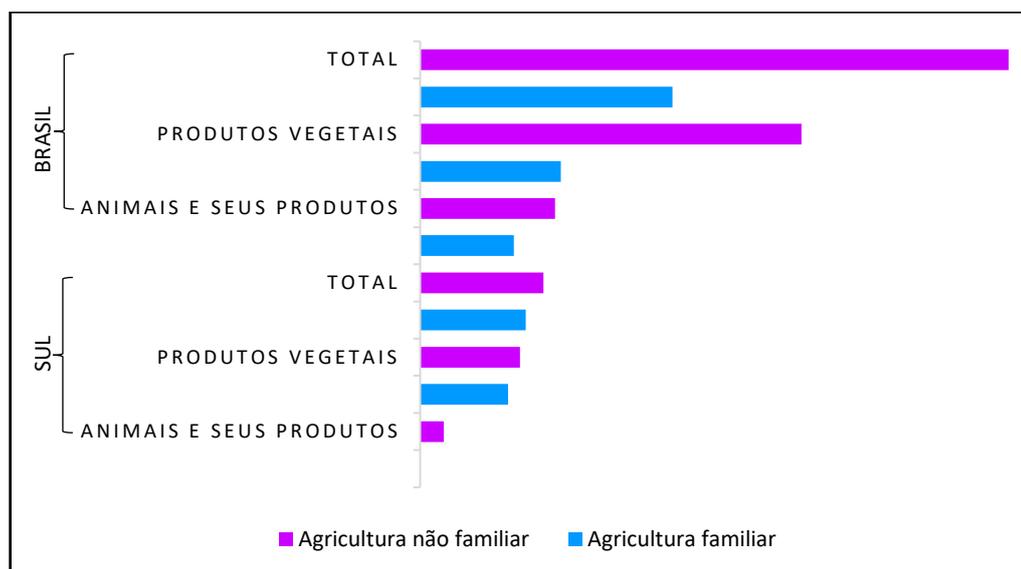
O Governo Federal criou o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), como incentivo às linhas de crédito para proporcionar financiamentos aos pequenos agricultores. Concebe-se que este Programa está contribuindo para o aumento da produtividade, e melhorar a renda das famílias (BEVILAQUA,2016).

Outros programas que tem se tornado referência são o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), onde obrigatoriamente 30% dos recursos repassados pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da

Educação (FNDE), devem ser aplicados na aquisição de gêneros alimentícios provenientes da agricultura familiar. “[...] Com estes programas, o governo garante mercado estável para os produtores, em seu próprio município e região, contribuindo para a economia local. Estes programas têm se destacado e apontados como exemplos a outros países (RIBEIRO; PEREIRA, 2015; BRASIL, 2016).”

No gráfico abaixo podemos ver a receita da agricultura familiar e não familiar do Brasil e do Estado do Rio Grande do Sul do ano de 2006, tanto dos produtos vegetais quanto dos animais e de seus produtos. Onde podemos notar que a receita da agricultura não familiar é maior no Brasil, mas já no Estado do RS, a diferença é bem menor entre a agricultura não familiar e a agricultura família, quase sendo iguais uma à outra.

Gráfico 2: Valor das receitas da agricultura não familiar e familiar – 2006.



Fonte: Elaborado pela autora com base em IBGE, Censo Agropecuário 2006.

2.2 As desigualdades de gênero na agricultura familiar

As desigualdades de gênero tem sido um dos assuntos mais discutidos nos últimos tempos, tanto pelo fato das mulheres estarem se empoderando, quanto os grupos que vem se formando para apoiar e alavancar o valor e o potencial feminino.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO, 2011), “[...] as lacunas de gênero presentes na sociedade, maiores para as mulheres do que para os homens, acabam por restringir seu acesso aos recursos produtivos, mercados e serviços,

afetando a produtividade do setor que, de forma mais ampla, restringe o desenvolvimento econômico e social.”

Nesse sentido, a agenda 2030 – assinada em 2015 pelos Estados-membros das Nações Unidas durante a Cúpula sobre o Desenvolvimento Sustentável – possui 17 objetivos e 169 metas e tem como quinto objetivo: “alcançar a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres e meninas”. “[...] Entre suas ações, estão implementar reformas que promovam igualdade de direito, acesso aos recursos econômicos, à propriedade e ao controle da terra, dentre outros tipos de bens e serviços (ONU, 2015), que assim como outras metas são fundamentais, em especial, considerando a realidade da mulher rural.”

Segundo Carvalho (2012), “[...] a desigualdade de gênero ainda é visível em nossa sociedade, colocando as mulheres em desvantagens em relação aos homens, trazendo consequências negativas para suas vidas, que se entregam a suas obrigações domésticas e familiares, sem esperar algo a mais do mundo”.

Para Lima (2017, p. 04) “[...] a ideologia binária e machista, que se mantendo velada, cumpre seu papel de moldar os comportamentos, reproduzindo representações sociais e comportamentos que retroalimentam, as desigualdades, as hierarquias sociais e sexuais.”

Para Carlotto (2001, p. 01):

A produção de nossa existência tem bases biológicas que implicam a intervenção conjunta dos dois sexos, o macho e a fêmea. A produção social da existência, em todas as sociedades conhecidas, implica por sua vez, na intervenção conjunta dos dois gêneros, o masculino e o feminino. Cada um dos gêneros representa uma particular contribuição na produção e reprodução da existência [...] modelos que se impõem ditatorialmente às pessoas em função do seu sexo. Mas esta só seria uma aproximação superestrutural do fenômeno dos gêneros.

Infelizmente, na sociedade ainda existe grandes desigualdades de gênero, onde as mulheres acabam sofrendo com maior frequência as consequências destas diferenças impostas pelas pessoas no dia a dia, uma das áreas que encontramos esse preconceito, é na agricultura familiar, onde isso acontece com grande frequência. Mesquita (2013) diz que:

No meio rural, essa situação é mais evidente comparada ao meio urbano, pois as relações de gênero marcadas pela divisão sexual do trabalho, sendo passadas de geração em geração, ainda se encontram naturalizadas no viver de vida de muitas famílias agricultoras. E mesmo nas situações em que homens e mulheres realizam trabalhos semelhantes, estes obtêm reconhecimentos distintos, de acordo com os papéis sociais que lhes são atribuídos. Geralmente, os papéis dos homens são mais valorizados e recompensados que os das mulheres. Nessa divisão do trabalho, prevalece uma desvalorização da capacidade feminina em relação ao masculino. (MESQUITA, 2013, p. 71).

Conforme Alves escreveu sobre Kergoat (2002), “[...] a divisão sexual do trabalho é organizada a partir de dois princípios: o da separação – há uma divisão clara do que é trabalho

de homem e trabalho de mulher; e o da hierarquia – o trabalho do homem tem mais valor do que o trabalho da mulher. Entretanto, as modalidades concretas da divisão sexual do trabalho variam no tempo e no espaço.”

Alves, Sell e Castro (2018) “[...] apontam ainda, que a desvalorização do trabalho agrícola feminino é um problema persistente, que afeta a visibilidade da mulher e mascara o seu potencial para a contribuição na produção agrícola.” Já em relação ao trabalho realizado pelos homens, seja no passado ou na atualidade, observa-se que a força masculina e a participação no meio produtivo são ações postas em destaque (Neves; Medeiros, 2013, p. 10).

Conforme Medeiros e Ribeiro (2011), no segmento agrícola:

A participação do trabalho feminino na agricultura familiar sempre foi subestimada. Pelo fato de as mulheres serem, na naturalização das atribuições de gênero, as responsáveis pela reprodução social do grupo, as atividades produtivas desenvolvidas por elas são consideradas como parte das tarefas atribuídas ao papel de mãe e esposa, consideradas “ajuda” e “complementares” àquelas desenvolvidas pelos homens. (Medeiros; Ribeiro, 2003 p.02).

O difícil é entender o motivo dessas desigualdades já que não escolhemos ao nascer se seremos homem ou mulher, assim como não definimos muitas outras questões que estão fora do nosso alcance, como em qual país nascemos ou de que forma nascemos.

As pessoas nascem bebês, machos e fêmeas e são criadas e educadas conforme o que a sociedade define como próprio de homem e de mulher. Os adultos educam as crianças marcando diferenças bem concretas entre meninas e meninos. A educação diferenciada da bola e caminhãozinho para os meninos e boneca e fogãozinho para as meninas (FARIA E NOBRE 1997, p. 11-12).

A sociedade tem um preconceito ainda com o trabalho da mulher como temos visto neste trabalho, mas tem tido, ao longo do tempo, uma maior conscientização das mudanças que vem acontecendo no sentido de perceber as consequências negativas das desigualdades de gênero.

[...] na sociedade são construídos os juízos do que concerne ao homem e a mulher, como a própria divisão sexual do trabalho, que estabelece uma hierarquia do trabalho do homem sobre o trabalho da mulher. (Saffioti 2004) [...] expõe que o trabalho feminino é visto além de sua contribuição para o bem-estar da família, pois é expressivo o esforço que fazem para encontrar formas de gerar rendas adicionais para o núcleo familiar, aumentando, assim, sua carga de trabalho. (Tedesco 1999)

Quanto ao patriarcado, a autora citada em seguida nos demonstra o pensamento machista³ da comunidade:

³Alguns homens mais velhos gostam de dividir o mundo entre machos e *mandilones* (ou seja, dominados pelas esposas), quando o termo macho tem a conotação de ser aquele responsável e provedor da sua família, seja financeiramente ou de qualquer outro modo.

[...] nos diz que consiste na dominação e exploração do homem sobre a mulher como algo natural e socialmente construído, enraizado e naturalizado na sociedade e acrescenta que o patriarcado se estrutura nos seguintes pilares: o controle da fidelidade feminina; hierárquica e autoridade do masculino sobre o feminino; e a manutenção dos papéis sociais na qual o homem fica a cargo da responsabilidade de suprir os elementos materiais e a mulher o zelo com o lar, filhos e esposo. (Saffioti 1997)

Com o avanço das buscas pelos direitos à igualdade de gênero, impulsionadas pelos movimentos feministas e das mulheres, mudanças se apresentam no âmbito das políticas sociais brasileiras como medidas em torno da gestão das políticas para as mulheres, com a criação da Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres, a realização de conferências nos âmbitos da federação, os planos nacionais e a Lei Maria da Penha (MIRALES, 2013).

Todo este debate de gênero na agricultura rural, indica que “[...] as mulheres representam 47,8% da população residente no meio rural, o que corresponde a um contingente de 15 milhões de pessoas, muitas delas sem acesso à cidadania, saúde, educação e sem reconhecimento da sua condição de agricultora familiar, trabalhadora rural, [...]” (BRASIL, 2008, p. 141).

Com isso podemos identificar que as mulheres realmente necessitam de ir em busca de igualdade por necessidades básicas, como citado no parágrafo anterior. E no próximo capítulo será apresentado os métodos de pesquisa utilizados para conhecermos e entendermos as desigualdades encontradas no Estado do Rio Grande do Sul e no Brasil.

3 MÉTODOS DE PESQUISA

Este trabalho, que aborda a temática das desigualdades de gênero na agricultora familiar, tem como delimitação espacial de estudo o Estado do Rio Grande do Sul (Figura 1). Estado que, de acordo com os dados do IBGE apresenta uma população total de 10.693.929 habitantes, dos quais 1.593.638 (15%) são população rural e 9.100.291 (85%) são população urbana. Num total de 5.488.873 (51%) habitantes mulheres e 5.205.057 (49%) habitantes homens.

Figura 1: Mapa do Estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Rio Grande do Sul, 2020

Com população rural estimada em 1.593.638 habitantes, o estado apresenta 21.684.558 hectares de área ocupada por 365.094 estabelecimentos agropecuários. Deste total, o produtor responsável pela condução do estabelecimento 319.691 (88%) são homens e apenas 43.933 (12%) são mulheres (IBGE, 2017).

Se comparado aos resultados em escala nacional do censo agropecuário, que indica que no Brasil 18,7% dos estabelecimentos agropecuários são dirigidos por mulheres e 81% por homens (0,3% não se aplica), o Rio Grande do Sul apresenta uma desproporção mais significativa no que se refere ao sexo do(a) produtor(a) que conduz o estabelecimento (IBGE, 2017).

3.1 Abordagem Metodológica

Neste trabalho utiliza-se as abordagens de pesquisa quantitativa e qualitativa. Com maior ênfase aos dados quantitativos, de origem secundária, busca-se para descrever o perfil da população rural e do trabalho desenvolvido pelas mulheres no campo. Em complemento a abordagem qualitativa, de ordem subjetiva, proporciona a análise destes dados a partir do diálogo com autoras(es) que versam sobre a temática.

A abordagem qualitativa, podemos conhecer os estudos feitos na área, as análises e diversidades de gênero que encontramos, pois por mais que não nos mostre números concretos, e sim narrativas, ideias e experiências, é de grande importância esta abordagem. Já na abordagem quantitativa, vem demonstrando com números as desigualdades encontradas na agricultura familiar referente às mulheres, neste trabalho podemos ver as análises de faixa etária, estado civil, a escolaridade, entre outros.

3.2 Levantamento e análise de dados

O trabalho, quanto aos procedimentos de coleta de dados, utilizou-se da pesquisa bibliográfica e documental, e levantamento de dados quantitativos secundários. A pesquisa documental esteve amparada em documentos produzidos recentemente pela Assistência Técnica e Extensão Rural – EMATER, em que são apresentados dados sobre a realidade das mulheres na agricultura familiar. Já o levantamento dos dados secundários foi realizado a partir da plataforma do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.

A fim de cumprir os objetivos específicos foram pesquisados, sistematizados e analisados dados referentes a população rural vinculada a agricultura familiar no Rio Grande do Sul. Foram estudados dados para conhecer e identificar os serviços exercidos pelas mulheres na agricultura familiar, dos seus cuidados com a família e a suas moradias.

Logo a baixo será apresentado as informações dos gráficos utilizados neste trabalho e o caminho utilizado para monta-los e entende-los:

Quadro 1 – Variáveis, origem dos dados e anos de publicação.

Variável:	Origem dos dados:	Ano da publicação:
Tipos de propriedade das mulheres rurais entrevistadas no Rio Grande do Sul	ATERS – Emater/RS - ASCAR	2022
Valor das receitas da agricultura não familiar e familiar	IBGE – Censo Agropecuário	2006
Faixa etária das mulheres da área rural do RS	PNAD Contínua – IBGE	2020
Escolaridade das mulheres da área rural do RS	PNAD Contínua – IBGE	2020
Raça/Cor das mulheres da área rural do RS	PNAD Contínua – IBGE	2020
Estado Civil das mulheres da área rural do RS	ATERS – Emater/RS - ASCAR	2022
População feminina e Número de mulheres por domicílio do RS e BR	DEE IBGE – PNAD Contínua	2019
Distribuição % da força de trabalho, dos ocupados e dos desocupados no Rio Grande do Sul e no Brasil	DEE IBGE – PNAD Contínua	2019
Distribuição dos ocupados, segundo a posição na ocupação, na RPA	DEE IBGE – PNAD Contínua	2019
Proporção de horas diárias dedicadas aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos das pessoas de 14 anos ou mais de idade no Rio Grande do Sul e no Brasil	DEE IBGE – PNAD Contínua	2019
Envolvimento na produção	ATERS – Emater/RS - ASCAR	2022

Fonte: Elaborado pela autora.

Neste trabalho, o processo de sistematização foi iniciado com o conhecimento da área de estudo, de onde o objetivo era compreender as questões das desigualdades encontradas e analisar de forma sistemática as transformações das relações de gênero nos estabelecimentos da agricultura familiar.

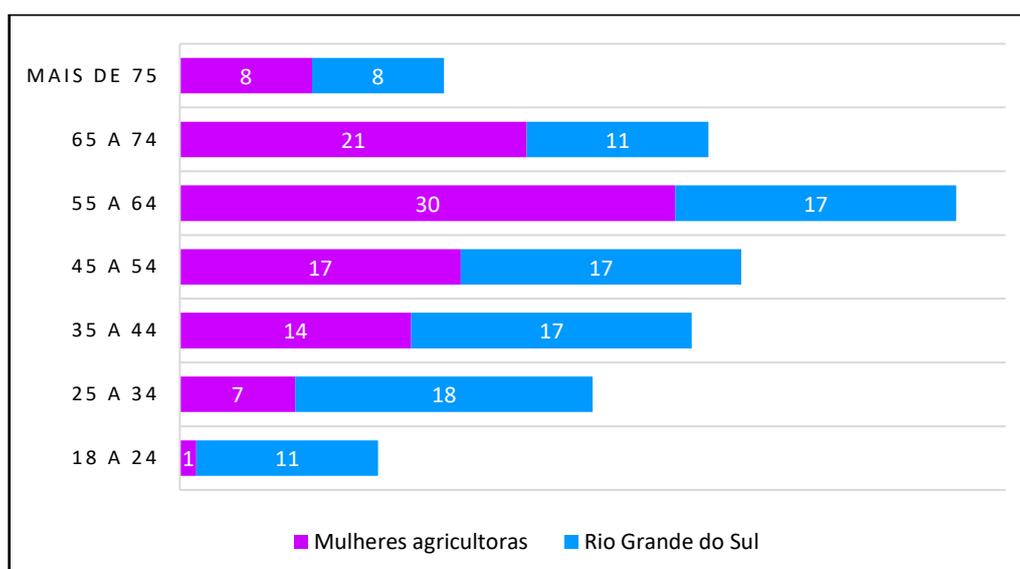
4 RESULTADOS: MULHERES RURAIS NO RIO GRANDE DO SUL

No capítulo de revisão bibliográfica foi feito uma pesquisa para conhecer a agricultura familiar e as desigualdades de gênero no Estado do Rio Grande do Sul, e já nestes dois capítulos irei demonstrar os resultados encontrados com base na análise dos gráficos e os resultados encontrados na pesquisa feita no capítulo anterior.

4.1 Perfil da população rural feminina que integra a agricultura familiar no Rio Grande Do Sul

A Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência e Extensão Rural - Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural | Emater/RS – Ascar com base nos dados do IBGE, fizeram uma pesquisa com as mulheres rurais do Rio Grande do Sul, e os resultados serão apresentados a seguir, iniciando pela faixa etária encontrada, como no gráfico a seguir:

Gráfico 3: Faixa etária das mulheres da área rural do RS (% da população total) – 2019

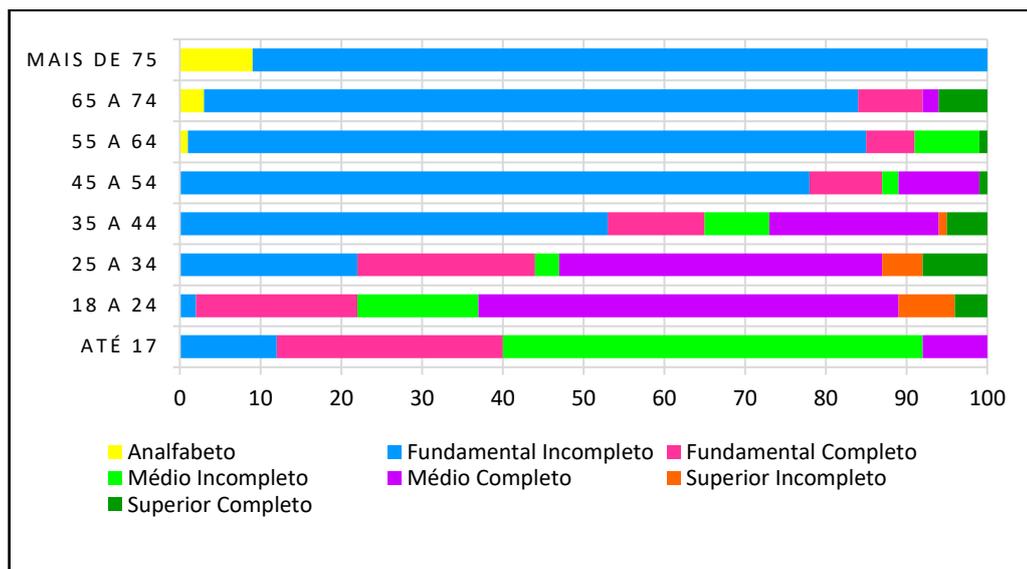


Fonte: Elaborado pela autora com base no PNAD Contínua - IBGE, 2020

No gráfico conseguimos notar que encontramos mulher mais velhas na área da agricultura familiar do Estado, já que notamos um maior número de mulheres a cima de quarenta anos e uma maior faixa etária dos cinquenta e cinco anos aos sessenta e quatro anos, o que me faz acreditar que um dos motivos das mulheres mais novas não ficarem na área rural, é por ir em busca de estudos e uma oportunidade de vida na área urbana.

Nesta mesma pesquisa encontramos também a escolaridade, a raça/cor, o estado civil e o trabalho e aposentadoria destas mulheres da agricultura familiar. No gráfico de escolaridade, podemos notar que as pessoas acima de setenta e quatro anos, não terminaram nem o ensino fundamental, e que mais de 50% das mulheres acima de trinta e cinco anos também não concluíram o ensino fundamental. Podemos notar que os jovens da área rural têm maior escolaridade que os mais velhos, inclusive, as mulheres tem essa maior porcentagem do que os homens. Veja no gráfico a baixo:

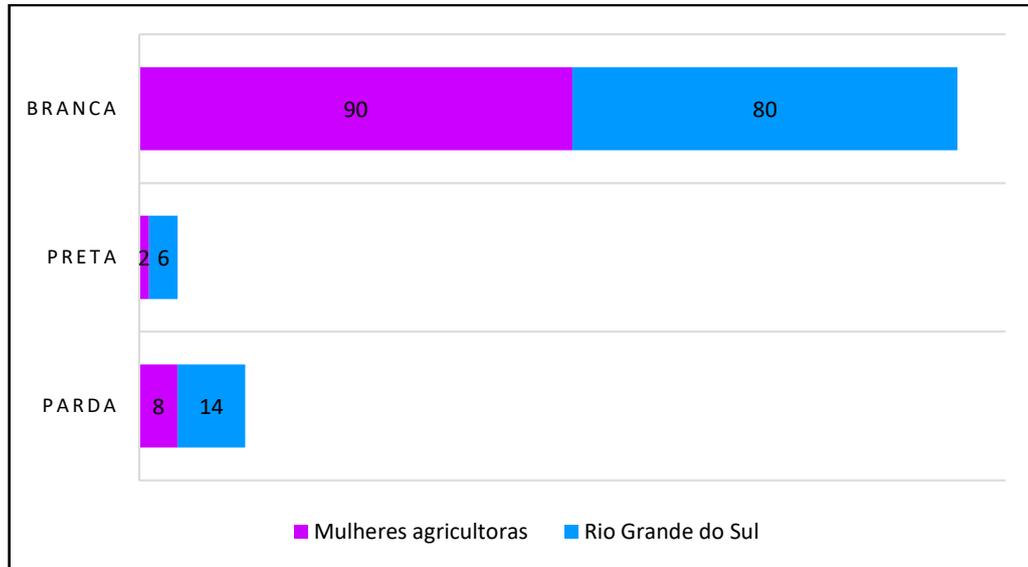
Gráfico 4: Escolaridade das mulheres da área rural do RS (% da população da faixa etária) – 2019



Fonte: Elaborado pela autora com base no PNAD Contínua - IBGE, 2020

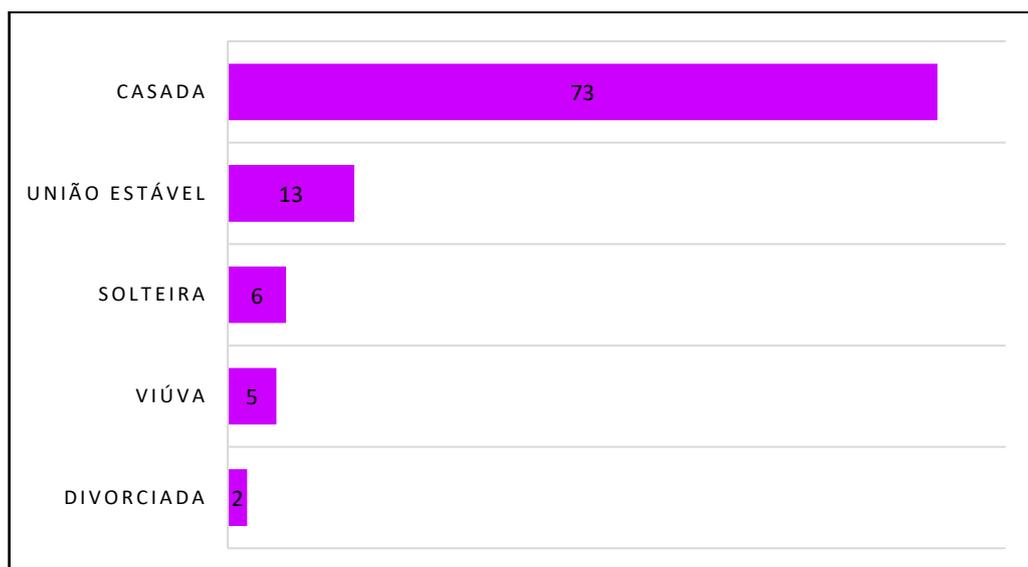
Foram pouquíssimas mulheres da área rural que conseguiram concluir o ensino superior, acredito que possa ser por estas mulheres optarem por seguir na propriedade rural, casarem, e construir suas famílias, ter filhos e cuidar deles, então acabam desistindo dos estudos.

No próximo gráfico podemos notar que a grande maioria das mulheres encontradas na agricultura familiar é de raça/cor branca, com o menor número de preta nesta área. Aqui podemos notar que o número de mulheres brancas é maior que o número de homens brancos, e que o número de homens pretos e pardas é consideravelmente maior que o de mulheres pretas e pardas na área rural do Estado do Rio Grande do Sul.

Gráfico 5: Raça/Cor das mulheres da área rural do RS (% da população total) – 2019

Fonte: Elaborado pela autora com base no PNAD Contínua - IBGE, 2020

O gráfico abaixo será demonstrado o estado civil das mulheres da área rural é que se encontra um alto número de mulheres casada ou em união estável, com apenas 6% destas mulheres estando solteira e só 2% delas são divorciadas, o que nos mostra que é normal estas mulheres seguirem na agricultura por conta da família e que são pouquíssimas que seguem lá sem um companheiro.

Gráfico 6: Estado Civil das mulheres da área rural do RS (% da população total) – 2021/22

Fonte: Elaborado pela autora com base em ATERS – Emater/RS-ASCAR

No gráfico 7 apresenta a população de mulheres no Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil em 2019 segundo dados do IBGE (2019) e a quantidade percentual de mulheres que moram na área urbana e na área rural do Estado do Rio Grande do Sul (RS) em comparação ao Brasil. O que podemos analisar de antemão, é que em ambos a porcentagem de mulheres em relação a população em geral, é estimada de 51% tanto no RS quanto no Brasil, outro ponto que notamos uma maior diferença, é que o número de mulheres na área rural do nosso Estado é muito menor em comparação a área urbana.

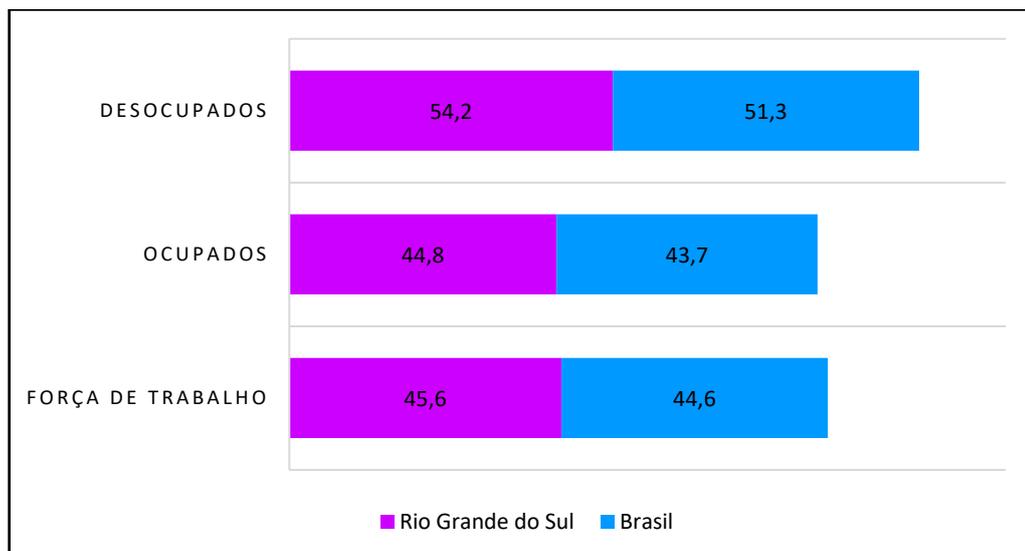
Gráfico 7: População feminina e Número de mulheres por domicílio do RS e BR - 2019

População feminina em 2019		Mulheres por domicílio	
RS	BRASIL	RS	BRASIL
5.840.501	107.386.830	Urbano	97,6%
51,33%	51,10%	Rural	2,4%

Fonte: Mulheres do Rio Grande do Sul – DEE | IBGE (2019). PNAD Contínua

No próximo gráfico será apresentado a proporção da participação das mulheres no mercado de trabalho, dos ocupados e dos desocupados. Um dado notável, é que mais da metade no número total de desocupados no mercado de trabalho do Rio Grande do Sul pertence as mulheres.

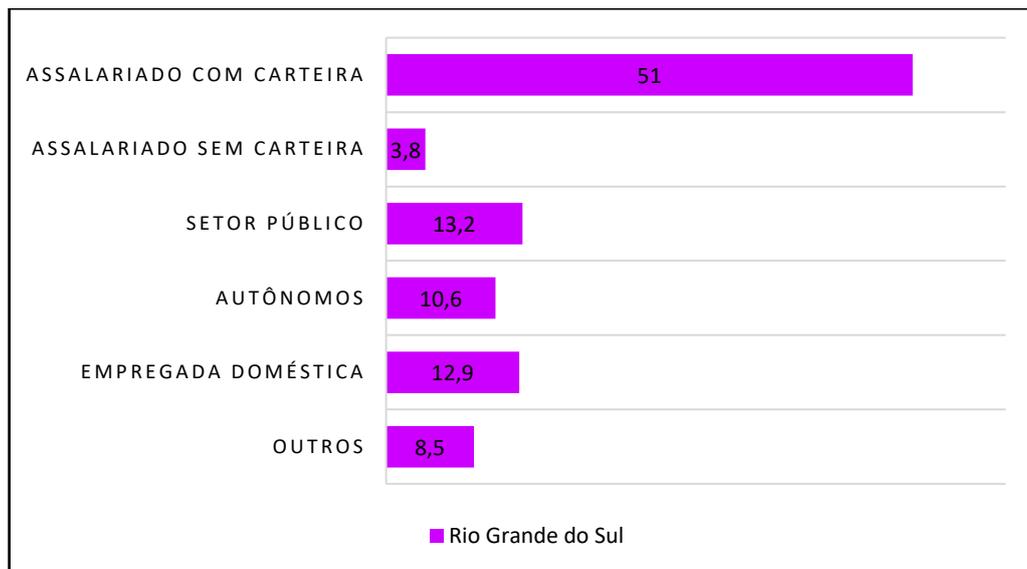
Gráfico 8: Distribuição % da força de trabalho, dos ocupados e dos desocupados no Rio Grande do Sul e no Brasil (% da população total) - 2018



Fonte: Elaborado pela autora com base em IBGE (2019). PNAD Contínua

Dando continuidade ao gráfico acima, no próximo gráfico será demonstrado a ajuda financeira que as mulheres conseguem fornecer para sua família no Estado do Rio Grande do Sul, sendo esta renda ganhada com serviço fora da agricultura, carteira assinada ou de forma autônoma ou com serviços de dentro das suas propriedades com a venda dos produtos produzidos ou dos animais criados.

Gráfico 9: Distribuição dos ocupados, segundo a posição na ocupação, na RPA (% da população total) - 2017



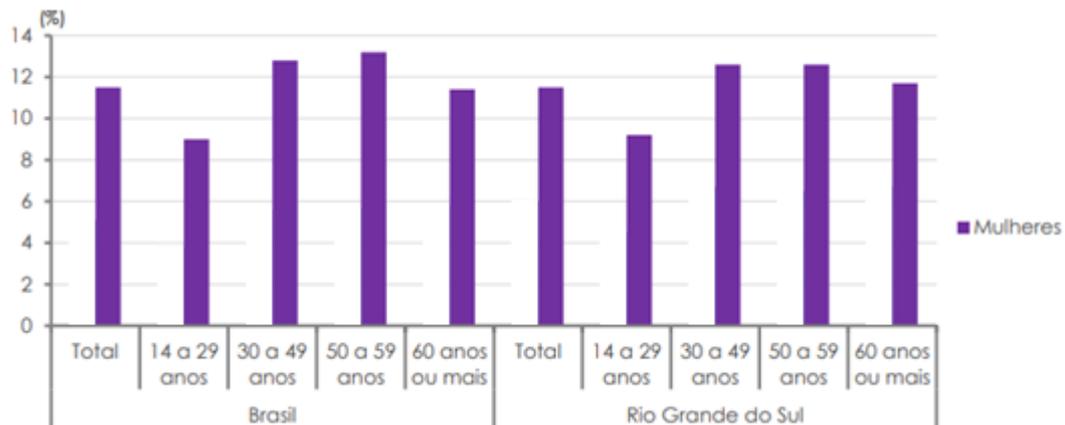
Fonte: Elaborada pela autora com base em IBGE (2019). PNAD Contínua

4.2 Papéis das mulheres na agricultura familiar

As mulheres que trabalham e moram na área rural, que estão inseridas na agricultura familiar, acabam se dividindo entre o trabalho domésticos, onde estão incluídas tarefas domésticas como limpeza da casa, o cuidado com os filhos, com marido, a necessidade de fazer comida todos os dias, com o trabalho de campo. Essas são tarefas como alimentar os animais, cuidar da horta e outros serviços culturalmente considerados mais “leves”.

No gráfico abaixo, podemos notar que as mulheres exercem muito mais as atividades domésticas, do que os homens. As atividades que as mulheres fazem são preparação de refeições, limpeza, manutenção da casa e atividades externas, já os homens o que fazem é alguns consertos na casa e levar eletrodomésticos para conserto.

Gráfico 10: Proporção de horas diárias dedicadas aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos das pessoas de 14 anos ou mais de idade no Rio Grande do Sul e no Brasil - 2019



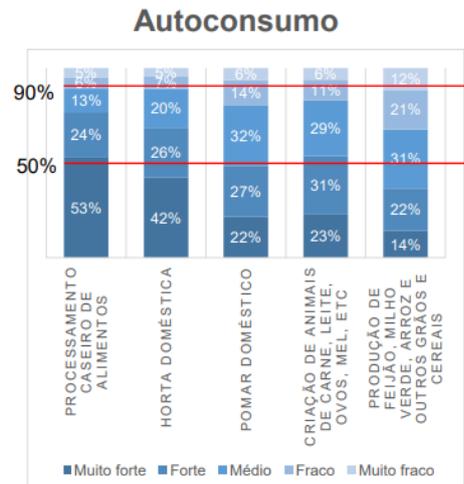
Fonte: Elaborada pela autora com base em IBGE (2019). PNAD Contínua

A denominação de trabalho “pesado” e “leve”, abordados por Paulilo (1987), corrobora esta afirmativa, uma vez que tal diferenciação é imprecisa e possui determinantes culturais, pois o que é considerado “leve” ou “pesado” depende da perspectiva social analisada. Dentro das atividades cotidianas, homens e mulheres realizam trabalhos pesados, tais como cortar lenha, lidar com a roça, carregar filhos pequenos e transportar água quando esta está localizada distante do domicílio.

Mas diversos estudos apontam (NEVES; MEDEIROS, 2013) que as atividades das mulheres rurais não estão apenas circunscritas aos trabalhos doméstico e de *care*, pois elas também realizam atividades nas lavouras e na produção de alimentos, que muitas vezes não são reconhecidas como parte produtiva da agricultura. As agricultoras, apesar de se dedicarem integralmente às atividades produtivas e reprodutivas, ou seja, aos trabalhos doméstico e de *care*, em seu cotidiano sofrem ainda hoje de invisibilidade social e de falta de reconhecimento como trabalhadoras e cidadãs (NEVES; MEDEIROS, 2013; FARIA, 2009).

No gráfico 11 podemos notar que as mulheres trabalham na agricultura familiar em diversas áreas, tanto para autoconsumo quanto para comercialização dos produtos. Com a divisão de tempo para o trabalho doméstico e cuidados com a família, elas ainda conseguem contribuir de forma satisfatória nas suas propriedades. Podemos notar que nessas linhas vermelhas, é onde o trabalho é feito com maior intensidade, pois ficam acima de 50% de envolvimento, confirmando a importância do serviço das mulheres nos seus estabelecimentos agropecuários.

Gráfico 11: Envolvimento na produção de autoconsumo.



Fonte dos dados brutos: ATERS – EMATER/RS-ASCAR.

Mesmo quando realiza atividades voltadas para o fim produtivo da agricultura, designadas geralmente como “masculinas”, a mulher é vista como uma “ajudante” e normalmente recebe baixa remuneração (ou mesmo nenhuma remuneração) por seu trabalho no seu estabelecimento agropecuário, necessitando assim, ter um trabalho remunerado fora das suas propriedades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de conclusão de curso, apresenta a agricultura familiar do Estado do Rio Grande do Sul e demonstra as desigualdades de gênero na área rural até os dias de hoje. Este tema foi escolhido para falar sobre o Estado do Rio Grande do Sul, pois é onde eu moro e onde eu gostaria de ver iniciar essas mudanças.

Com todos os dados pesquisados e apresentados anteriormente, podemos notar que as mulheres tem tido maior acesso aos estudos, por mais que ainda necessitem de auxílio para estudar e trabalhar fora de casa, para existir uma divisão das atividades domésticas. Quando estas mulheres da agricultura familiar do Estado do Rio Grande do Sul saem para trabalhar fora de casa, acabam voltando para casa no final do dia e precisa fazer comida, limpar a casa, cuidar dos filhos, fazer a tarefa com os filhos, entre diversas outras atividades.

Para a coleta de dados utilizou-se de pesquisa exploratória com dados bibliográficos de trabalhos acadêmicos, teses, dissertação, trabalhos de conclusão, dentre outros para fundamentar a importância desta pesquisa para o desenvolvimento rural. Foi feita análise de gráficos sobre faixa etária, raça/cor, renda, e muitos outros dados encontrados.

O primeiro intuito de escolher este tema, era de fazer um trabalho de campo, para conhecer de forma mais detalhada a situação das desigualdades das mulheres na agricultura familiar de Mostardas, mas infelizmente por conta da pandemia mundial que enfrentamos, fui impossibilitada de exercer esse trabalho.

Algo que descobri ao ir em busca de algumas mulheres da agricultura familiar, para falar primeiramente sobre o tema de forma informal, é que para elas essas desigualdades não acontecem e que elas fazem apenas o que é o papel da mulher e que culturalmente, não devem contrariar seus maridos e pôr a família em primeiro lugar. Mas algo que me deixou pasma, é que muitas dessas mulheres, eu conheço e sei o quanto sofrem por essas desigualdades no seu dia a dia, principalmente com o desprezo dos homens que vivem ao seu redor, mas para elas as atitudes deles é algo normal, pois é rotineiro.

Vejo que com os gráficos analisados neste trabalho, vimos que ainda existe desigualdades sim, mas me deu a impressão de que eles demonstram que essas desigualdades já diminuiram bastante, o que eu não vejo na minha realidade e na minha cidade. Aqui eu vejo como a cultura do machismo e do preconceito com o “sexo frágil” ainda é forte e o que pra mim é ainda pior, acham que é algo realmente normal e quem fala ao contrário está errado e fica taxado como uma pessoa que gosta de “criar problemas”.

Ainda quero poder procurar alguma forma de fazer um trabalho sobre este assunto na minha cidade, quem sabe criando um projeto junto a Prefeitura Municipal ou algum sindicato, trazendo palestras e informações a essas mulheres que acreditam que o homem é quem comanda e que elas só devem aceitar ser comandadas.

Para finalizar, vejo que com base nos dados estudado, a mulher tem crescido em diversas áreas e a agricultura familiar tem sido uma delas, sem dúvidas. Notei que a mulher até tem se empoderado e tomada a frente da sua vida e das decisões que são importantes a ser tomada em alguns quesitos, algo que anteriormente era feita apenas pelos homens. Mas espero que todas as questões ditas anteriormente tenha relevância cada vez maior e que as mulheres melhore ainda mais com o passar do tempo e com as novas gerações.

REFERENCIAS

ALVES, G. S., Sell, L. B. & Castro, A. M. (2018) **trabalho da mulher no campo e suas invisibilidades**. Revista Sures, n. 11.

BEVILAQUA, Karen Affonso. **Pensando Além Da Produção: Uma Análise Da Agricultura Familiar Como Ferramenta De Consolidação Da Sustentabilidade Pluridimensional E Da Segurança Alimentar**. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Franca, 2016. Disponível em: <repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/148615/bevilaqua_ka_me_fran.pdf?sequence=3>. Acesso em 24 de maio de 2022.

BRUMER, Anita. **GÊNERO E AGRICULTURA: A SITUAÇÃO DA MULHER NA AGRICULTURA DO RIO GRANDE DO SUL**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/vz3j55w5HN95Kj5QQkqFCR/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 25 de março de 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação - FNDE**. Aquisição de produtos da agricultura familiar para a alimentação escolar. 2. ed. Brasília: FNDE, 2016. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/programas/pnae/pnae-areagestores/pnae-manuais-cartilhas/item/8595-manual-de-aquisi%C3%A7%C3%A3o-deprodutos-da-agricultura-familiar-para-a-alimenta%C3%A7%C3%A3o-escolar>. Acesso em 24 de maio de 2022.

BRASIL. **Presidência da República. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres**. II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Brasília: SEPM, 2008. Disponível em: <<http://spm.gov.br/publicacoes-teste/publi-cacoes/2008/livro-ii-pnpm-co.09.2009.pdf>>. Acesso em 24 de maio de 2022.

CARLOTO, Cássia Maria. **O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais**. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v3n2_genero.htm>. Acesso em 02 de maio de 2022.

CARVALHO, Débora Jucely. **O EMPODERAMENTO DA MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR DA CIDADE DE CARVALHÓPOLIS-MG**. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/7679/DeboraJucelyDeCarvalho.pdf;jsessionid=B28DC2E85157DF2B53DBC67F9E29AC27?sequence=1>> Acesso em 02 de junho de 2022.

CENSO AGROPECUÁRIO 2006. **Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação**. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. 777 p. Acompanha 1 CDROM. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63372_cap5.pdf> Acesso em 24 de maio de 2022.

CORECON. **A força da agropecuária no RS**. Disponível em: <<http://www.coreconrs.org.br/economia-em-dia/468-a-forca-da-agropecuaria-no-rs.html#:~:text=Qual%20a%20import%C3%A2ncia%20da%20agropecu%C3%A1ria,%2C%20que%20%C3%A9%20de%205%25.>>> Acesso em 08 de abril em 2022.

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA | DEE-SPGG. **Desigualdade de gênero dos ocupados nas atividades ligadas à agricultura no RS.** Disponível em: <<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/202111/12130016-apresentacao-desigualdades-de-genero-campo.pdf>> Acesso em 22 de maio de 2022.

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA | DEE-SPGG. **Mulheres no Rio Grande do Sul.** Disponível em: <<https://planejamento.rs.gov.br/upload/arquivos/201903/27175806-mulheres-27-03-final.pdf>> Acesso em 02 de julho de 2022.

DICIONÁRIO INFORMAL. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/trabalho%20bra%C3%A7al/#:~:text=1.,Trabalho%20bra%C3%A7al&text=O%20trabalho%20onde%20a%20pessoa,dentro%20de%20uma%20f%C3%A1brica%2Cetc.>> Acesso em 22 de maio de 2022.

DOS SANTOS, A.M.; MITJA, D.; **Agricultura familiar e desenvolvimento local: os desafios para a sustentabilidade econômico-ecológica na comunidade de Palmares II, Parauapebas.** PA. Interações, 2016, Campo Grande, v. 13, n. 1, 2016. Disponível em: /centrodeestudoseassessoria.org.br/comeca-oficialmente-a-decada-da-agricultura-familiar-das-nacoes-unidas/. Acesso em 24 de maio de 2022.

EMATER/RS – Ascar. **PERFIL DAS MULHERES RURAIS DO RIO GRANDE DO SUL.** Disponível em: <<https://estado.rs.gov.br/upload/arquivos//relata-rio-ta-cnico-dee-perfil-das-mulheres-rurais-do-rs-1-compressed.pdf>> Acesso em 02 de maio de 2022.

FARIA, N. **Economia feminista e agenda de lutas das mulheres no meio rural.** In: BUTTO, A. (Org.) Estatísticas Rurais e a Economia Feminista: Um olhar sobre o trabalho das mulheres. Brasília: MDA, 2009.

FARIA, Nalu e NOBRE, Miriam. **Gênero e Desigualdade.** Cadernos São Paulo: Sempre viva Organização Feminista, 1997.

HEREDIA, B. M. A. (2013) **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil.** Rio de Janeiro, Centro Edilston de pesquisas sociais, Edição Online, p. 127. IBGE, Censo agropecuário 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3093/agro_2017_resultados_preliminares.pdf> acesso em 25 de maio de 2022.

HERRERA, Karolyna M. **O papel das mulheres na agricultura familiar: uma análise a partir da perspectiva da multifuncionalidade agrícola.** Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/papers-39-encontro/gt/gt21/9640-o-papel-das-mulheres-na-agricultura-familiar-uma-analise-a-partir-da-perspectiva-da-multifuncionalidade-agricola/file>> Acesso em 07 de maio de 2022.

HERRERA, Karolyna M. **UMA ANÁLISE DO TRABALHO DA MULHER RURAL ATRAVÉS DA PERSPECTIVA DA MULTIFUNCIONALIDADE AGRÍCOLA.** Disponível em: <http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373328660_ARQUIVO_ArtigoFazendogenerofinal.pdf> Acesso em 25 de março de 2022.

GUTMANN, Mathew. **O Machismo.** Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41518/23638>> Acesso em 03 de julho de 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Agudo: censo agropecuário.** Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/agudo/pesquisa/24/76693> Acesso em 02 junho de 2022.

KAUFMANN, Mariele P. PASQUALOTTO, Nayara. WIZNIEWSKY, José G. **AGRICULTURA FAMILIAR E DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL.** Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/09/MD_Agricultura_Familiar.pdf> Acesso em 12 de abril de 2022.

MARION, Aline A. BONA, Aldo N. **A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA AGRICULTURA FAMILIAR.** Disponível em: <<https://publicacresol.cresolinstituto.org.br/upload/pesquisa/227.pdf>> Acesso em 25 de março de 2022.

MEDEIROS, R. M. & Ribeiro, E. M. (2003) **O papel da mulher na agricultura familiar: dois estudos de caso. Organizações Rurais & Agroindustriais, 5(1).** Meira, A. L., Santos, P. R. P., Conceição Júnior, V., Oliveira, D. F. D., Oliveira, H. H. & Souza, S. E. D. (2013). Uma abordagem sobre o papel da mulher na cadeia produtiva do café no município da Barra do Choça–Bahia. 2013.

MESQUITA, L. A. P. de. **O papel das mulheres na agricultura familiar: a comunidade Rancharia, Campo Alegre de Goiás.** 135 f. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Catalão (GO) 2013.

MIRALES, R. **Violência de gênero: dimensões da lesão corporal.** Casca-vel: Edunioeste, 2013. 172 p.

NEVES, D; MEDEIROS, L. (Orgs.) **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos.** Niterói: Alternativa, 2013.

NOBRE, Miriam. **Relações de gênero e agricultura familiar. Gênero e Agricultura Familiar.** São Paulo: Sempre viva Organização Feminista, 1998.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA ALIMENTAÇÃO E AGRICULTURA. **Las mujeres en la agricultura: Cerrar la brecha de género en aras del desarrollo.** Rome: FAO, 2011. Disponível em: <http://www.fao.org/3/i2050s/i2050s00.htm>. Acesso em 24 de maio de 2022.

PORTAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Agricultura familiar é desenvolvida em 25% da área rural no RS, aponta IBGE.** Disponível em: <<https://estado.rs.gov.br/agricultura-familiar-e-desenvolvida-em-25-da-area-rural-no-rs-aponta-ibge#:~:text=Agricultura%20familiar-,Agricultura%20familiar%20%C3%A9%20desenvolvida%20em%2025%25%20da,rural%20no%20RS%2C%20aponta%20IBGE&text=O%20Instituto%20Brasileiro%20de%20Geografia,definitivos%20do%20Censo%20Agropecu%C3%A1rio%202017.>> Acesso em 28 de abril de 2022.

RIBEIRO, A. C. L. A.; PEREIRA, D.D. **Alimentação Escolar E Sua Contribuição Para Uma Educação De Qualidade.** In: VII Fórum Internacional de Pedagogia, 4, 2015, Campina Grande. Anais...Campina Grande: Editora Realize, 2015, p.1-12.

RIO GRANDE DO SUL. SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO. **Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul.** 5ª ed. Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. 2020.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, Patriarcado, Violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, H. **Violência de gênero: O Lugar da Práxis na Construção da Subjetividade.** In: LUTAS Sociais. São Paulo: Xamã, 1997.

SECRETARIA DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E DESENVOLVIMENTO RURAL. **Pesquisas buscam traçar perfil das mulheres rurais gaúchas.** Disponível em: <[SILVA, José Graziano. **Agricultura familiar e sustentabilidade.** Publicado em 14/06/2019 Atualizado em 14/06/2019, Organização Das Nações Unidas. FAO. Disponível em: \[nacoesunidas.org/artigo-agricultura-familiar-e-sustentabilidade\]\(https://nacoesunidas.org/artigo-agricultura-familiar-e-sustentabilidade\). Acesso em 24 de maio de 2022.](https://www.agricultura.rs.gov.br/pesquisa-aprofunda-conhecimento-sobre-mulheres-rurais#:~:text=Entre%20os%20homens%2C%20o%20percentual,%C3%A9%20de%2043%2C4%25.> Acesso em 17 de abril de 2022.</p></div><div data-bbox=)

SILVA, Mariane R. **Gênero, desigualdades e agricultura: a mulher na atividade agrícola familiar.** Disponível em: <<https://brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/1227>> Acesso em 02 de maio de 2022.

TEDESCO, J. C. **Racionalidade produtiva e ethos camponês.** Passo Fundo: EDIUPF, 1999. 331p.